

Amor de elefante

Duas elefantas vítimas de maus-tratos se reencontram depois de 23 anos e sua alegria é celebrada em todo o santuário

POR ANDY SIMMONS



Os elefantes no santuário de Carol Buckley vivem e morrem livres.



*Shirley e Bunny
passeiam juntas
pelas florestas
do santuário.*

Para entrar no **Santuário** dos Elefantes é preciso passar por um pesado portão, numa grande cerca de grossos cabos que circunda o perímetro. Parece aquela cerca do filme *Parque dos dinossauros*, que mantinha os animais confinados.

Lá dentro, passarinhos sobrevoam a relva e há um sossego incomum para o local que abriga os maiores animais terrestres do mundo.

Mais adiante, ao longo do quase intransponível caminho de esterco pisado que parece uma grande avenida, o santuário continua a surpreender. É um esbanjamento de florestas que se transformam num terreno escarpado

para em seguida se espriar em planícies de savana. Um lugar perfeito para elefantes. Principalmente se levarmos em conta que estamos no Tennessee, Estados Unidos, e não em Mianmá ou na África, como poderia parecer.

O santuário foi criado em 1995 por Carol Buckley e Scott Blaise. Ex-treinadores de elefantes, os dois haviam testemunhado maus-tratos de todo tipo em circos e zoológicos, o que lhes inspirou a idéia de criar um porto seguro onde esses sofridos animais pudessem passar o restante da vida. O santuário ofereceria o que Buckley considera os três itens mais importantes para a fe-

licidade de um elefante: liberdade, espaço para vagar e muitos outros elefantes por perto.

Na reserva de 2.700 acres (quase 11 mil km²), os dezenove elefantes africanos e asiáticos ali abrigados podem viver uma vida selvagem. Nos zoológicos e circos, esses animais são tangidos com uma odiosa haste de madeira com um gancho na ponta. Esse instrumento é proibido no santuário.

Em vez disso, “criamos um sistema isento de qualquer tipo de dominação”, diz Buckley. “Damos a eles a opção de dizer sim ou não.”

Nossa fotógrafa presenciou o sistema. Buckley e Blaise não nos levariam até os elefantes nem espalhariam feno para atraí-los em nossa direção. Em vez disso, deram aos animais a alternativa de vir até nós. Por sorte, duas elefantas, *Shirley* e *Bunny*, vieram afinal. E, num gesto de doce afeição, até enlaçaram as trombas.

Tal como lemos na *National Geographic* e vemos no Discovery Channel, confirma Buckley, os elefantes sentem compaixão uns pelos outros. Como os animais com que ela trabalha foram vítimas de maus-tratos e negligência, Buckley já testemunhou empatia entre eles em algumas cenas inesquecíveis, incluindo uma história notável.

Exilada num circo, *Jenny* ficava amarrada 23 horas por dia, ou confinada em pequenos reboques ao viajar de uma cidade para outra. Depois de sofrer um ferimento mutilador na perna, foi abandonada num abrigo para cães e gatos, onde não havia meios para cuidar de

um elefante, menos ainda com a saúde precária. Um ativista dos direitos dos animais entrou em contato com Buckley, que levou *Jenny* para o Santuário.

A liberdade é maravilhosa e *Jenny* estava ansiosa por experimentá-la. Por causa do ferimento, foi a princípio mantida isolada num cercado, mas aquilo era muito estressante para ela. Por isso, deixaram-na sair e se juntar ao bando. Foi aí que ela encontrou uma velha amiga.

***Jenny* ainda era filhote** quando conheceu *Shirley*, anos antes, quando ambas trabalhavam no circo. Embora tenham passado juntas apenas poucas semanas, *Shirley* assumira o papel de mãe substituta, até que foram separadas. Isso, porém, ocorrera havia 23 anos – será que ainda se lembrariam?

Jenny reconheceu *Shirley* na hora. As duas reviveram de imediato a velha rotina, vagando lado a lado pelo santuário. Os bons tempos, contudo, só duraram poucos anos, até *Jenny* adoecer por causa do antigo ferimento.

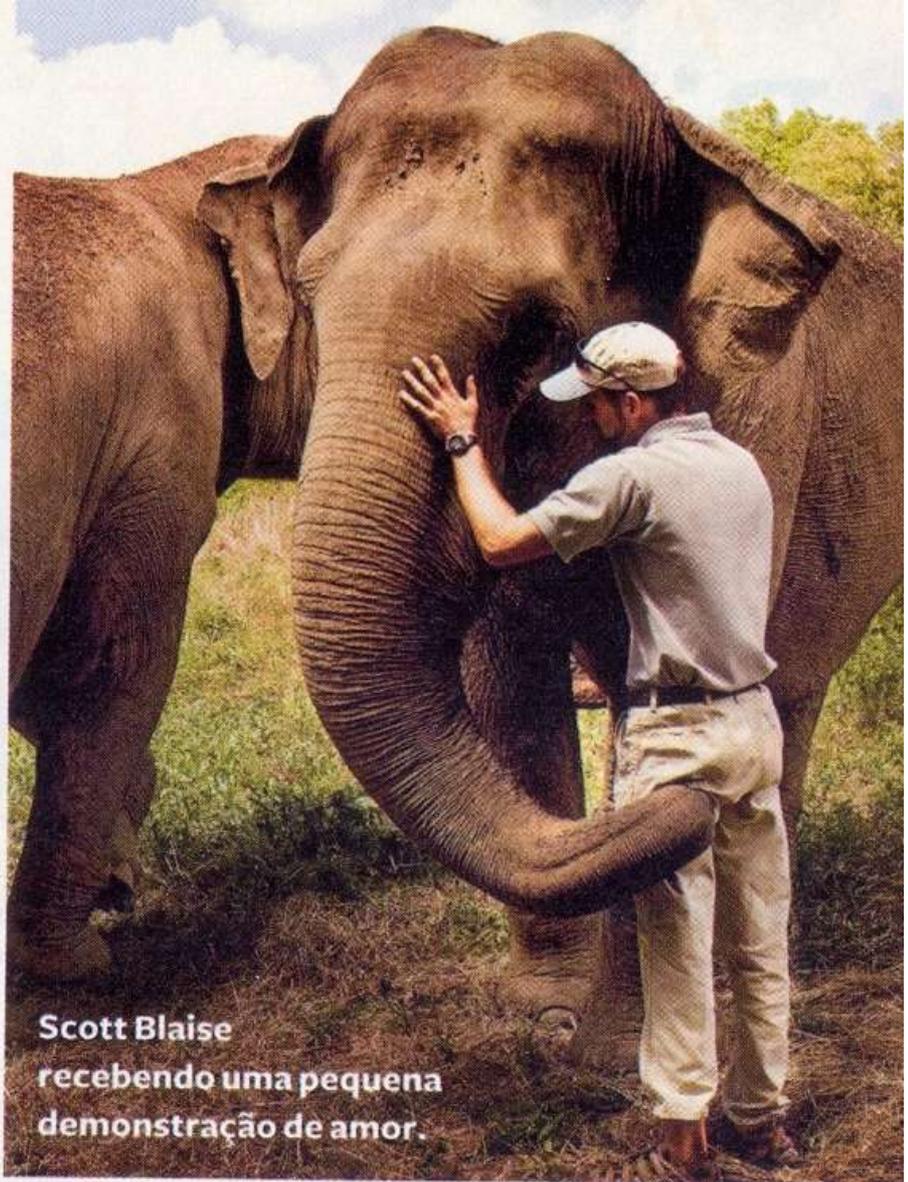
Quando ficou muito fraca para andar pelas colinas, *Jenny* dirigiu-se devagar a um vale sombreado, achou uma vegetação rasteira e macia e deitou-se. *Shirley* velou-a dia e noite, usando a tromba para ajudar a amiga a se levantar. Também ao lado de *Jenny* estavam duas outras amigas, *Tarra* e *Bunny*. A certa altura, as quatro levaram três horas emitindo sons e barridos – que foram ouvidos por todos no santuário. Em todo o tempo que lidou com animais, Buckley nunca tinha visto nada parecido.

No dia seguinte, 17 de outubro de 2006, os grandes animais continuaram os cânticos. No entanto, *Shirley* não suportou mais. Na iminência de perder a amiga pela segunda vez, foi se refugiar numa colina próxima. Na ausência de *Shirley*, *Tarra* e *Bunny* confortaram *Jenny*. Ficaram ali por algum tempo, com *Bunny* respondendo com um barrido crescente a cada ruído surdo e prolongado de *Jenny*, enquanto *Tarra* acompanhava o dueto com um som agudo.

Naquele início de noite, aos 36 anos – ainda jovem, para um elefante –, *Jenny* morreu. *Tarra* e *Bunny* ficaram ao seu lado a noite toda. Mas, se o sofrimento de *Jenny* acabara, o de *Shirley* estava apenas começando.

Nos elefantes, as trombas refletem o estado do coração, e não foi difícil perceber que *Shirley* não conseguira assimilar bem a morte de *Jenny*: os ombros caíram, os olhos semicerraram-se e ela passou a arrastar a tromba pelo chão. Deprimida, não comia nem “dizia” nada. *Bunny* seguiu-a até a colina, onde permaneceram durante dias, antes de finalmente retornarem ao celeiro. Ali, era impossível não perceber a presença de uma recém-chegada.

Outra exilada do circo, *Misty* era um feixe de energia, que literalmente



Scott Blaise
recebendo uma pequena
demonstração de amor.

pulava de alegria. Nem mesmo *Shirley* poderia ignorar os barridos, altos, rouquinhos, cheios de júbilo. Com a volta do entusiasmo, *Shirley* – o maior e mais velho elefante do santuário – voltou a comer e a brincar e deixou de arrastar a tromba no chão.

Quando se vê um elefante andar sobre as pernas traseiras ou exibir uma dança havaiana no circo, facilmente se esquece que eles são criaturas sensíveis, para quem a vida em família é tudo.

Felizmente, no Tennessee, há um lugar onde ninguém esquece.

DEFINIÇÃO DE CHATO

Aquele que, quando você pergunta como está, ele diz. *Bert Taylor*, EUA